

0089 - Max Filipe Nigro Rocha

Título: “A cobertura da Copa de 94 pela revista *Veja* - Em busca de um novo Salvador da Pátria”

“Isso é o que Ayrton Senna no fundo representou, não como homem, mas como símbolo, como um grande campeão. Ele foi um mediador de um diálogo carregado de muitos símbolos. Os campeões têm esse privilégio: Ayrton Senna para presidente.”¹

“Desde os 15 anos, sonho em ser o herói de uma Copa do Mundo e ter sucesso onde outros grandes fracassaram, como Falcão, Sócrates e Zico.” disse Romário na semana passada. “Quando a vitória vier, eu a dedicarei ao povo brasileiro”².

Os dois eventos descritos acima são fundamentais para entendermos o processo pelo qual passava a sociedade brasileira em 1994. O primeiro acontecimento trata do fato de Ayrton Senna, tricampeão de fórmula 1, conhecido pelas suas proezas quase míticas nas pistas, ter morrido de forma espetacular em um acidente automobilístico no dia primeiro de maio de 1994 diante das câmeras de TV, fator que superdimensionou a dor pela perda do campeão e o luto vivido pela nação.³ Esse estado de comoção nacional criou um vazio no campo das representações coletivas brasileiras e que, gradualmente, foi preenchido pela figura de Romário, jogador polêmico e de grande apelo popular. A frase de Romário, enunciada às vésperas da conquista do tetracampeonato de futebol nos Estados Unidos, evidencia a disposição do jogador em ocupar o vácuo existente no campo esportivo. Tanto pela expectativa criada sobre ele pelo discurso ufanista da mídia, quanto pelas suas próprias ações, o jogador assume para si a responsabilidade de preencher o espaço deixado pelo ídolo morto. Não podemos nos esquecer que, quando a seleção chega dos EUA com a Taça, Romário vai até a janela do avião portando a bandeira nacional brasileira da mesma forma que fazia Ayrton. Ao comparar-se com os craques da geração de 82 – como Falcão, Sócrates e Zico –, Romário apresenta-se como o sucessor, mas não o substituto, da idolatria direcionada a Ayrton ao prometer o título mundial para o povo brasileiro.

Ao tomar como ponto de partida a afirmação de Simoni Lahud Guedes na qual a autora sustenta que, no mundo atual, as representações sociais deixam gradualmente de lado os campos político e econômico, e passam a ocupar os “domínios sociais relativamente ‘residuais’ da estrutura social” (Guedes, 2000), podemos inferir que esses

¹ Páginas Amarelas. Entrevista com Roberto DaMatta. Revista *Veja*. 11/05/1994. Ed. 1339.

² “Romário, o Salvador da Pátria”, Revista *Veja*. 20/07/1994. Ed 1349. p.64

³ “A tragédia dobrou o Brasil”. *Veja* Ed. 1339. 11/05/1994

0089 - Max Filipe Nigro Rocha

mesmos domínios são espaços de disputa dos símbolos e modelos acerca da sociedade brasileira. Segundo a autora, o futebol seria um desses domínios sociais residuais e, por isso, campo privilegiado de observação da sociedade e seus conflitos:

“Do ponto de vista simbólico, (o futebol) seria uma das nossas principais ‘zonas livres’, compondo com uma série de outros aspectos também eleitos como peculiares, um elenco através dos quais veiculamos nossas representações coletivas sobre nós mesmos” (Guedes, 2000 p. 2)

Como já sugerimos acima, a elaboração das representações coletivas não ocorrerá sem disputas e cabe ao historiador resgatar o processo de construção dessas imagens. A esse respeito, o ano de 1994 no Brasil nos parece extremamente fértil para compreendermos como se dá esse processo uma vez que é um período conturbado tanto no campo político-econômico – eleições presidenciais e implantação do Plano Real -, quanto no campo esportivo – a morte de Ayrton Senna e a conquista do Tetracampeonato da Copa do Mundo de Futebol.

Podemos apontar a imprensa como campo privilegiado para a análise dessas disputas acerca das representações, pois é ela a responsável pela divulgação, repercussão e consolidação das visões sobre o esporte (seja ele o futebol ou a Fórmula 1) e seus agentes. A imprensa, esportiva ou não, é a responsável pela produção dos discursos autorizados, aqueles que possuem credibilidade oferecida pelo conjunto de leitores.

“Deste modo, uma pequena parte das discussões em torno do futebol é documentada e perpetuada na imprensa que produz, de fato, as leituras autorizadas dos eventos consagrando determinadas versões e desqualificando outras. A especificidade deste ‘discurso da autoridade’ ‘reside no fato de que não basta que ele seja compreendido (em alguns casos, ele pode inclusive não ser compreendido sem perder seu poder), é preciso que ele seja reconhecido enquanto tal para que possa exercer seu efeito próprio’ (Bourdieu, 1996:91). A produção simultânea de um corpo de especialistas, de peritos, na produção dos textos e imagens que cercam o futebol é, pois, parte fundamental deste fenômeno multidimensional.” (Guedes, 2000 p. 3)

Dessa forma, consideraremos a Veja, revista de atualidades da editora Abril, produtora do discurso da autoridade devido à sua tiragem expressiva de cerca de oitocentos e cinquenta mil exemplares semanais na época. A proposta do presente artigo é estabelecer uma conexão entre as coberturas realizadas pela revista Veja da morte do piloto Ayrton Senna, da participação de Romário na Copa do Mundo nos EUA e das eleições presidenciais de 1994. Durante o trabalho foram analisados os exemplares de

0089 - Max Filipe Nigro Rocha

Veja que abrangem o período de janeiro de 1994 até as eleições de outubro do mesmo ano, além das três edições especiais lançadas no período, a saber: Em maio de 1994 é publicada a edição extra a respeito da morte de Ayrton Senna; em junho a revista ofereceu em anexo o Guia da Copa nos EUA e em julho de 94 a editora lança a edição comemorativa do tetracampeonato de futebol – totalizando 46 exemplares da revista. O objetivo central do trabalho é analisar a associação entre futebol e política construída pela revista e o consequente deslocamento do papel de “salvador da pátria” do campo político para o esportivo.

Senna para presidente

Paralelamente à disputa eleitoral, o ano de 1994 apresenta uma ruptura no campo esportivo. A morte do piloto Ayrton Senna gera uma comoção e um sentimento de orfandade nacional que há muito tempo não se via. O cortejo e enterro do corpo do piloto paralisou a cidade de São Paulo e foi amplamente noticiado pelos meios de comunicação.

Na edição de número 1339, sob a manchete “A tragédia dobrou o Brasil”, Veja estampa em sua capa a imagem do caixão do tricampeão em primeiro plano, transportado pelo caminhão do Corpo de Bombeiros pelas avenidas da cidade de São Paulo, com honrarias de chefe de Estado, e a presença anônima da população acompanhando o cortejo. Longe de ser um mero registro, a fotografia coloca o observador na condição de um participante privilegiado do evento ao oferecer a esse uma visão clara do conjunto da cena, incluindo o caixão do piloto, o cortejo e a multidão que acompanha a cena. Além disso, a disposição da imagem, na vertical e em perspectiva, induz o olhar do leitor a percorrer a foto de baixo para cima, fator que reforça o sentimento da perda, pois o caixão e a comitiva retratada em primeiro plano se afasta gradualmente rumo ao fim da avenida.

No índice, a revista anuncia que “Ayrton Senna parte nos braços do povo”⁴, já na matéria interna os destaques são as fotos que ocupam uma página inteira de pessoas emocionadas, prestando homenagens ao Ayrton. O povo assume o papel de ator principal do acontecimento, responsável por expressar a dor da nação diante da perda. O

⁴ “A tragédia dobrou o Brasil”. Veja Ed. 1339. 11/05/1994 p.5

0089 - Max Filipe Nigro Rocha

destaque da reportagem da apropriação popular da bandeira nacional é sintomático. Habitualmente vinculada a eventos oficiais do Estado, era através das vitórias de Senna que ela era resignificada. A cena do piloto carregando a bandeira nacional ao final de cada uma de suas vitórias era um dos raros momentos de integração nacional; um hiato que permitia a constituição de um nós nacional⁵ no campo esportivo. O jejum de títulos mundiais no campo futebolístico abre espaço para a consolidação da Fórmula 1 como esporte produtor de heróis nacionais. Os títulos de Emerson Fittipaldi (1972/74), de Nelson Piquet (1981/82/87) e de Ayrton Senna (1988/89/91) são conquistados justamente no interregno entre o tri (1970) e o tetracampeonato (1974) e é graças a essas vitórias que Senna alcança a condição de herói nacional:

“Outros esportes podem produzir eventuais heróis nacionais ou assumir temporariamente o caráter de esporte nacional, no sentido aqui delimitado, mas o fazem, exclusivamente, nas conjunturas em que colecionam vitórias. Ou seja, se o êxito é facilmente socializado, não se dá o mesmo com o seu fracasso que em geral, é ignorado.” (Guedes, 1994 p. 24)

Durante o enterro do piloto, há uma farta cobertura fotográfica da profusão de bandeiras do Brasil que, nesse contexto, estabeleciam o vínculo entre a população e o ídolo ao representar o orgulho nacional ferido e a perda do herói.

A partir dessa perspectiva, Senna representava a essência da nacionalidade e do povo brasileiro. Segundo a reportagem “a morte de Senna faz com que, para surpresa de todos, o povo entre em cena para dizer que ama aquele que só lhe deu alegrias”⁶. Depoimentos como “Senna era a única coisa boa do Brasil”, “Senna era o único orgulho que eu tinha. A minha vida não é para se orgulhar. A minha vida é muito dura” e “(...) gostava do Senna pela sua capacidade de correr e pela bondade de doar coisas aos pobres”, feito por pessoas que acompanhavam o enterro apresentam o mesmo intuito de reforçar o vínculo entre o tricampeão e a população. Segundo a revista, a morte do piloto teria sensibilizado a população porque o “povo gostava de Senna e lhe prestou suas comovidas homenagens no enterro que, segundo avaliação da Polícia Militar paulista, foi o maior da História do Brasil.”⁷

⁵ “Num mundo em que as ideias de nação e nacionalidade confrontam-se, cada vez mais, com outros princípios operativos (Hobsbawm, 1990), a recriação de um nós nacional torna-se muito mais dependentes de tempo-espacos mais ou menos ritualizados e, paradoxalmente, específicos.” (Guedes, 1994)

⁶ “O povo presta sua homenagem”. Veja Ed. 1339. 11/05/1994 p.14

⁷ “O povo presta sua homenagem”. Veja Ed. 1339. 11/05/1994 p.16

Ao decorrer da matéria, Veja define o seu lado no campo de disputa sobre as “representação coletiva de nós mesmos” ao identificar comportamento popular tido como ideal:

“Essa entidade nebulosa, o povo, tomou as ruas de São Paulo. O povo, figura fácil na retórica dos demagogos, impôs sua presença às câmaras (sic) de televisão. O povo, habitualmente calado, fez com que seu lamento chegasse aos quatro cantos do planeta. O povo surpreendeu os bem pensantes com seu amor a Ayrton Senna. E, como nas manifestações pelo impeachment de Fernando Collor, o povo se conduziu na maior ordem. Novamente, apesar das multidões colossais, não houve uma vidraça quebrada.”⁸ **“Ordeira e emocionada, a multidão canta no adeus a Senna. (...) A multidão também marca a volta às ruas dos caras-pintadas – mas, desta vez, eles aparecem para chorar.”**⁹

Esse povo, conduzido pelas próprias emoções, sofrido, apolítico, apesar de toda a dor, manteve-se em ordem. O reforço do senso-comum – o brasileiro enquanto povo pacífico – visa despolitizar a imagem das mobilizações populares. Nesse aspecto, a essência de Senna, um personagem apolítico, representante do orgulho nacional e obstinado pelo sucesso profissional individual serve de modelo para a consolidação das representações coletivas e para o comportamento das massas. Veja, enquanto portadora do discurso autorizado, assume o papel de interpretar e expressar os sentimentos do “povo”, dirigindo-o pelo caminho da ordem.

A possibilidade de ruptura dos padrões de comportamento e de alteração da realidade tem seu campo de manifestação restrito ao esporte, como podemos observar no trecho destacado por Veja da entrevista de Roberto DaMatta:

“O caso de Senna é interessante, porque soma competência a malandragem. Ele se consagrou como o piloto que mais ganhou corridas em pistas escorregadias, nos dias de chuva. Nada mais brasileiro do que saber tirar partido da desvantagem. Tem a ver com o jogo de cintura, futebol-arte.”¹⁰

Nas páginas amarelas, o antropólogo anuncia a necessidade da busca de um novo herói nacional ao afirmar que “Senna articulava, de modo simbólico, o sonho de modernidade do Brasil. O esporte socializa a gente, não vale nome de família nem cor de pele. Tem regras nítidas, como a vida econômica deveria ter.” Mas que fique claro que, segundo a revista, esse herói deveria seguir os mesmos moldes de Senna, um personagem apolítico, representante do orgulho nacional e em busca do sucesso profissional e que não coloque em questão a necessidade de criação de regras rígidas

⁸ “O povo presta sua homenagem”. Veja Ed. 1339. 11/05/1994 p.16

⁹ “O povo presta sua homenagem”. Veja Ed. 1339. 11/05/1994 p.23

¹⁰ Páginas Amarelas. Entrevista com Roberto DaMatta. Revista Veja. 11/05/1994. Ed. 1339.

0089 - Max Filipe Nigro Rocha

para o campo político-econômico. O movimento de Veja visa evitar a politização desse vazio emocional e preenchê-lo por outro herói esportivo que consiga redirecionar a idolatria, fazendo surgir o novo “Salvador da Pátria” despolitizado. Na edição seguinte, a capa da revista trás Romário sob o título “O gênio casca-grossa”

Romário - O craque que assusta mas resolve

“Acho que depois de tanta coisa ruim e triste que aconteceu esse ano – as perdas do Dener e do Ayrton Senna, essas matanças que acontecem, fome, essas coisas... – o Brasil merece a Copa. Eu posso colocar a Copa do Mundo para o brasileiro como se fosse um prato de comida. Se a gente ganhar esta Copa, estará dando um prato de comida para esse povo que está com fome.”¹¹

Com a perda de Ayrton Senna, a disputa pela consolidação das representações coletivas se acirra. A eminência das eleições, com o Lula à frente nas pesquisas, não se encontra mais ofuscada pelo esporte e parece readquirir a capacidade de formar um “nós nacional” antagônico ao modelo defendido pela revista. A apropriação da figura de Romário pela revista será a alternativa possível para fazer frente à candidatura de Luis Inácio.

Na edição seguinte a da morte de Ayrton Senna, o “gênio casca-grossa” – termo usado para definir Romário – surge como representante da brasilidade perdida, o novo salvador da pátria. A matéria interna, sob o título “O craque que assusta mas resolve” possibilita duas interpretações. A primeira é a oposição à manchete da edição de 15/06/1994 de Veja a respeito do PT “Por que o partido de Lula brilha e assusta” e à chamada interna “O PT brilha e mete medo – Como é o partido que empurra a caravana de Lula, promove agitação e está na frente das pesquisas.” A outra linha interpretativa alude ao fato que Romário assusta pelo seu caráter questionador, mas preenche (resolve) a ausência do herói nacional. Com o objetivo de aproximar as imagens dos dois ídolos – Senna e Romário - a matéria destaca o mérito individual do jogador e a dependência da seleção em relação ao atacante: “O time pode ser uma droga, mas, se tiver Romário, tem chance de dobrar o adversário. Explosivo, ele decide uma partida”¹²

¹¹ Romário, Jornal do Brasil, 19/06/1994, p.13

¹² “O craque que assusta mas resolve.” Veja. Edição 1340. 18/05/1994.p.80

Mas o arquétipo construído sobre Senna não se adapta a Romário e por isso sua imagem será devidamente lapidada. Se a disposição do jogador para ocupar o posto de ídolo é preexistente, já a sua imagem deverá ser ajustada ao modelo defendido pela Veja.

Afastado da seleção desde um amistoso contra a Alemanha em 1992, Romário é afastado da equipe durante as eliminatórias da Copa do Mundo. Seu retorno ocorre apenas no último jogo, contra o Uruguai em setembro de 1993 no Maracanã, pois a seleção corria o risco de não se classificar para a Copa. A partida consagra o jogador, que marca dois gols decisivos e a partir desse momento, sua convocação é irrefutável. A própria revista expressa e repercute essa pressão popular pela presença do jogador no time por diversas vezes. Na edição 1355, Veja comenta o jogo decisivo: “Já o último jogo das eliminatórias, contra o Uruguai, havia sido uma grande performance. Se o Brasil repetir essa atuação, não perde a Copa do Mundo”. Mais adiante destaca o papel do jogador: “Apresentou-se humildemente ao técnico e em campo não fez por menos: salvou a pátria. ‘Foi Deus que mandou o Romário’, reconheceu, depois do jogo, o mesmo Parreira que teimava em mantê-lo afastado”¹³. Conforme o andamento da Copa, o jogo no Maracanã volta a ser lembrado: “Foi ele (Romário) o responsável direto pela classificação do Brasil nas eliminatórias da Copa, ao marcar os dois gols na partida decisiva contra o Uruguai. O time pode ser uma droga, mas, se tiver Romário, tem chance de dobrar o adversário. Explosivo, ele decide uma partida”¹⁴. Na edição 1345: “Enquanto Romário recebeu o troféu de salvador da pátria depois dos 2 a 0 contra o Uruguai, ele (Parreira) ficou na posição de quem aparece como convidado numa festa mas é confundido com o garçom”¹⁵. E por fim, na edição comemorativa do tetracampeonato: “Mas (Romário) também queria ganhar a Copa para levar alegria à Vila da Penha, ao Rio e ao Brasil. Quando classificou o Brasil para a Copa, marcando dois gols contra o Uruguai, disse: ‘Eu vi o povo brasileiro sorrir. Eu consegui fazer isso.’”¹⁶

A construção desse novo “Salvador da Pátria” é iniciada por Veja mas esse processo passa pelo que Simoni Lahud Guedes define como jogo de forças no campo futebolístico. De um lado, temos a tentativa de controlar as ações do jogador, de outro

¹³ Páginas amarelas. Entrevista com Parreira. Veja. Edição 1335. 13/04/1994

¹⁴ “O craque que assusta mas resolve.” Veja. Edição 1340. 18/05/1994.p.80

¹⁵ “O Itamar da seleção” Veja. Edição 1345. 22/06/1994. p. 111

¹⁶ Edição Especial “É Tetra”. Veja. 07/1994. P.19

0089 - Max Filipe Nigro Rocha

Romário assume para si “o direito de falar sobre o povo. O jogador coloca-se, portanto, como sujeito de um discurso no qual sempre foi objeto” (Guedes, 1994 p. 39). Devido a tal posicionamento – que se desvincula do modelo anunciado pela revista, Romário é identificado como jogador-problema. A edição 1332 destaca o caráter indomável do jogador: “Um caso à parte é Romário. Unanimidade nacional como o melhor jogador brasileiro do momento, Romário arma confusões fora de campo com a mesma facilidade que faz gols dentro do gramado”¹⁷.

Veja reforça a necessidade de controlar o comportamento do jogador ao interpretar suas ações como “confusões”. As atitudes de Romário, justificadas ou não, são vistas como um excesso de preciosismo do jogador. Antes da Copa, a animosidade entre os dois atacantes da seleção, Bebeto e Romário, devidamente alimentada pela imprensa, leva a um impasse no avião da CBF a respeito dos lugares que cada um deveria ocupar. Romário havia declarado sua preferência por Edmundo no ataque, já Bebeto, visto como “bom moço”, anunciava que se sentia mais confortável jogando com Müller. A revista descontextualiza o evento e retrata o fato da seguinte forma:

“O diabo, a porção mais predatória de Romário, foi o último a apresentar-se ao técnico Carlos Alberto Parreira, quase uma semana depois que a seleção havia iniciado a fase final de preparativos para a Copa. Encenqueiro como sempre, anunciou que não se sentaria entre Bebeto e Müller no avião fretado pela CBF, como estabelecera a comissão técnica.”¹⁸

As ações de Romário são retratadas como desprovidas de propósito. O questionamento do jogador sobre a ingerência da CBF em assuntos extracampo é despolitizado e interpretado como uma manifestação pueril de um jovem abusado e inconseqüente: “Bravo, disse que levaria quem bem entendesse para assistir à Copa nos Estados Unidos, contrariando recomendação da CBF. ‘O dinheiro é meu e minha família vai e fica onde eu quiser’, disparou, com seu jeito de falar as verdades mais sensatas de maneira mais agressiva.”¹⁹

O jogo de forças entre a disciplina e o desempenho se intensifica ao decorrer da cobertura de Veja. A própria revista caça o direito a palavra do jogador quando afirma que “o time irá bem se Romário conseguir manter-se calado e apenas se dedicar aos gols

¹⁷ “O Brasil vai à Copa”. Veja. Edição 1332. 23/03/1994. p.44

¹⁸ Edição Especial “É Tetra”. Veja. 07/1994. P.18

¹⁹ Edição Especial “Guia da copa”. Junho/1994 p.16

0089 - Max Filipe Nigro Rocha

que só ele sabe fazer”²⁰. Na edição 1332, outra tentativa de padronização de comportamento é anunciada: “No Recife, a comissão técnica pretende passar a todos os jogadores um recado, endereçado a Romário, para que sejam moderados e cautelosos ao falar em público. A CBF prepara um manual de bom comportamento no qual proíbe os jogadores de fazer críticas a companheiros ou ao técnico. Elogiar pode”²¹. Essas iniciativas buscam reduzir o espaço de atuação do jogador ao encará-lo como um indivíduo desprovido de subjetividade e de direito de fala.

Ao dar voz ao técnico Parreira, a publicação procura reafirmar a relação tradicional de mando versus obediência no meio futebolístico:²²

“Agora, os interesses individuais em nenhuma circunstância podem sobrepujar os do grupo. O Romário e qualquer outro, entendendo isso, não vamos ter problemas. Quer dizer: eu não preciso jogar no lugar deles, eles não precisam escalar o time no meu lugar.”

Como afirmamos no início, o futebol é um instrumento que evidencia os valores sociais em jogo em uma sociedade. A luta pelo controle da palavra se manifesta no campo esportivo, mas não se restringe a ele. A defesa da disciplina produz ecos no campo político-econômico como podemos observar na entrevista de Antonio Ermírio de Moraes: “Se não houver disciplina, acho que a gente perde a Copa. Se eu pudesse, tiraria o Parreira e colocaria o Telê Santana. Ele é um homem enérgico. (...) E o Romário, que começou a acusar um colega? Quem é ele para ficar escalando o time? Isso é desrespeito, O técnico está muito mole. A seleção está igual ao Brasil. Tem grandes jogadores, mas está faltando coordenação”²³.

A batalha para enquadrar Romário no modelo de “Salvador da Pátria” apolítico é incessante pois como afirma Roberto DaMatta: “A gente tende a admirar os pretos de alma branca, como o Pelé, que não dá um passo fora do círculo de giz que a sociedade elitista marcou para ele”, diz o antropólogo Roberto DaMatta. “O Romário é diferente, faz o que quer”²⁴.

A saída para tal questão, segundo a revista, é a transformação gradual da imagem de Romário. Uma vez que ele é visto como jogador-problema, aquele que

²⁰ Edição Especial “Guia da copa”. Junho/1994 p.16

²¹ “O Brasil vai à Copa”. Veja. Edição 1332. 23/03/1994. p.44

²² Páginas amarelas. Entrevista com Parreira. Veja. Edição 1335. 13/04/1994

²³ Páginas amarelas. Entrevista com Antonio Ermírio de Moraes. Veja. Edição 1329 – 02/03/1994

²⁴ Edição Especial “É Tetra”. Veja. 07/1994. P.19

anuncia o conflito, o esforço da cobertura é feito no sentido de relevar as ações do jogador. Para Veja, suas atitudes estariam próximas daquilo que Eduardo Archetti define como a postura de um “pibe”:

“Ser um pibe no significa sólo librarse de varias responsabilidades sino también sentir la presión de la autoridad de la familia, de los padres, del colegio. Al mismo tiempo, el hecho de ser un pibe implica que es más fácil ver los aspectos positivos y perdonar las imperfecciones. En Argentina, y quizás en otros lugares, es común escuchar a la gente decir: “pero es un pibe, sólo un pibe; déjenlo ser un pibe. um y seguirá siendo um pibe. (...) Él representa este estado de perfección y libertad cuando dejamos de lado los rasgos negativos de um indivíduo. Ser espontáneo, fresco y hacer las cosas al instante son las cualidades que apreciamos. Un grand jogador de fútbol debe tener estas cualidades.” (Archetti, 2003 p. 246)

As ações de Romário, seu questionamento das relações sociais tradicionais presentes no futebol são vistas como desprovidas de conteúdo, fruto da intuição ao invés de seu posicionamento político. Segundo a revista, o jogador é movido pelo prazer – atitude pueril que se aproxima da imagem do “pibe” – e não tem a dimensão de sua capacidade de interferência social. Veja retifica a declaração de Reinaldo, ex-Atlético Mineiro, tido como “jogador-problema” à época, sobre Romário ao oferecer a interpretação “correta” a respeito da postura do craque:

“Outro craque do passado, o centroavante Reinaldo do Atlético Mineiro, hoje deputado estadual pelo PDT e cujo estilo de jogar lembra o de Romário, reforça o elogio. “Para ser ídolo, tem que se posicionar, ter opinião, ser político”, afirma Reinaldo. “Assim como eu, Romário é também revolucionário.” A revolução de Romário não chega à arena política e se resume à três bandeiras: Fazer tudo o que lhe vem a cabeça, ganhar muito dinheiro e jogar futebol como se fazia antigamente.”²⁵

A seguir, na mesma matéria, a associação de Romário a Garrincha é categórica na medida em que atribui ao primeiro a ingenuidade/simplicidade consolidada a respeito da imagem do segundo:

“Nesse aspecto (a respeito do fato de não se encaixar em esquemas táticos e jogar mais solto no Barcelona) , Romário se assemelha a Garrincha. Em 1958, antes da Copa do Mundo da Suécia, vencida pelo Brasil, Garrincha deu o seguinte depoimento sobre seu estilo de jogo: “Nasci na roça e aprendi a jogar futebol espontaneamente. Não sei receber instruções. Sinto que elas envenenam meu jogo. Ou bem a gente joga o que sabe, ou bem a gente joga o que mandam.” Romário tem uma concepção de futebol que não é muito diferente. “Futebol tem graça se for para correr atrás da bola – afinal de contas, é ela que vai parar dentro do gol,” filosofa”²⁶

²⁵ “O craque que assusta mas resolve.” Veja. Edição 1340. 18/05/1994.p.82

²⁶ “O craque que assusta mas resolve.” Veja. Edição 1340. 18/05/1994.p.82

0089 - Max Filipe Nigro Rocha

Em segundo lugar, Veja não poupa esforços para convencer o leitor da transformação do comportamento de Romário, agora inofensivo:

“Independente, irreverente, Romário conquistou o direito de fazer o que quer dentro e fora de campo. Ele vive um período de trégua com sua personalidade explosiva e, para desespero dos adversários do Brasil, só quer pegar fogo com a bola nos pés. ‘O baixinho está com a cabeça boa, Parreira’, dizia Dunga.”²⁷

Através dessas duas ações, encarar Romário como “pibe” e alegar que sua índole desafiadora está direcionada única e exclusivamente para o futebol, é reconstruída a imagem de Salvador da Pátria, mais uma vez apolítico.

FHC e Lula – A prudência versus o “Salvador da Pátria”?

Desde o começo do ano de 94, Veja retrata FHC como a alternativa mais viável e sensata para assumir a Presidência da República. Na edição 1322, o candidato é capa da revista combatendo o “monstro da inflação” acompanhado do título “E agora Fernando?”. A sugestão implícita de Fernando Henrique ser o grande responsável por garantir a estabilidade econômica é evidente. A construção da candidatura conservadora por parte da revista continua, pois o então Ministro da Fazenda é tema de mais três capas, todas elas favoráveis ao candidato. Na edição 1334 sua foto acompanha o título “De olho no Planalto” e a matéria interna, em tom elogioso, atribui sua popularidade ao sucesso do Plano Real. Já na edição de 1354, sob o título de “O Brasil segundo Fernando Henrique – O Brasil não é um país desenvolvido, é um país injusto” a revista estimula a apropriação do discurso das esquerdas ao mesmo tempo em que garante uma candidatura mais palatável e menos ameaçadora – essa representada por Lula, no caso. FHC volta à tona e a capa da revista, mesmo que de forma indireta, na edição 1358 na qual sua mulher, Ruth Cardoso, acompanhada da manchete “Quem é, como vive e o que pensa a antropóloga casada com o candidato tucano” é foco de uma cobertura jornalística extremamente positiva.

Ao mesmo tempo, Lula, o candidato que representaria a ruptura – segundo a revista – é capa por duas vezes, mas sempre associado de forma negativa. A primeira, datada de 02/03/1994, trás a foto do candidato em uma estrada deserta e a seguinte

²⁷ “O baixinho é fogo”. Veja. Edição 1346. 29/06/1994. P.82

0089 - Max Filipe Nigro Rocha

manchete “Lula sozinho na estrada” em uma clara tentativa de sugerir a falta de apoio popular, bem como a inviabilidade da candidatura. Na segunda capa Luis Inácio aparece de forma indireta. Com uma estrela vermelha em destaque, a revista procura desqualificar a candidatura do PT através do título “O PT brilha e mete medo – Como é o partido que empurra a caravana de Lula, promove agitação e está na frente das pesquisas.”

Não por acaso, nas vésperas das eleições presidenciais, Veja anuncia “Pesquisa exclusiva: O que o eleitor quer: Ordem, Continuidade e Prudência. E o que não quer: Salvador da pátria, Pacotes e Escândalos.” Uma vez que a figura de Salvador da Pátria já estava devidamente preenchida pela figura de Romário – visto como representante do povo, assim como Lula – o candidato à presidência seria uma figura inofensiva e a disputa eleitoral ocorreria sem grandes sustos, resultando na continuidade defendida pela revista. O esvaziamento da política nas eleições reproduziria o clima morno e apático da final da copa de 94.

Bibliografia

Archetti, Eduardo P. 2003. *Masculinidades. Fútbol, tango y polo en la Argentina*. Buenos Aires : Antropofagia, 2003.

Guedes, Simoni Lahud. 1994. O salvador da pátria. Considerações em torno da imagem do jogador Romário na Copa do Mundo de 1994. . *Pesquisa de campo - Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol*. 1, 1994.

—. **2000.** *Que "povo brasileiro" no campo de futebol?*

[<http://www.razonypalabra.org.mx/QUE%20POVO%20BRASILEIRO%20%20NO%20CAMPO%20DE%20FUTEBOL.pdf>] Porto, Portugal : s.n., 2000.

Revista Veja. Edições 1321 a 1367. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/>